

CONDIÇÕES
Assinatura mensal nesta cidade. \$ 1.20
Número do dia. 0.10
— atrozado. 0.20
PYRA FÓRA
Semestre. \$ 8.00
Anno. 15.00
As assinaturas devem sempre concluir-se em 15 de Março, Junho, Setembro e Dezembro, podendo cancelar em qualquer dia.
A correspondência deve ser dirigida a Redacção e a qualquer pessoa, sem que se seja retirada do correio.
PAGAMENTO ADIANTADO

OPERA PRINCE AZUL

ADMINISTRAÇÃO
RUA 26 DE MAIO 471
Recebem-se annuncios e pedidos. Os artigos do interesse geral serão publicados gratuitamente.
DIÁRIO DA MANHÃ
ASSINATURA PARA O BRASIL
Semestre (moda papel). 194.000
Anno. 364.000
PAGAMENTO ADIANTADO

DIRECTOR — FIRMINO DA SILVA SANTOS

Regente — Antonio Oliveira

Collaborador — Dr. Alberto Conrado

O fogo sagrado

Nem umaagulha na tripode: do fogo sagrado restava apenas o destruído — um monte de cinzas claras — resto da lenha olivante que alumiava a deusa da castidade: Vesta.

E era tarde. As outras vestes dormiam tranquilamente. O silêncio era profundo, apenas de quando em quando linia no mosaico do peristillo o fôrro da lancha do legionário que fazia sentinella.

Como accender a pyra? Como chamar a luz do sol aquella hora da noite, quando apenas havia no cêo, enroladas na escuridão, a lua pallida e as pallidas estrelas?

— Que fazer? . . .
E a triste vestal criminosa desatou a chorar, evocando os deuses, pedindo perdão à estatua inflexivel da purissima, da immaculada deusa da virgindade e da innocencia — Vesta.

Os deuses, aquella hora, ou banquetevam-se no alto Olympo ou dormiam embalados pelos sonhos.

Nenhum d'elles ouviu o lamento da sacerdotisa. Amor, porém, que andava solto, brincando com os corações, passando, por acaso, pelo templo, apañhou na brisa as palavras da criminosa.

Voz feminina que elle ouviu era senha para entrada em um cração — foi, o tão de leve atravessou as primeiras galerias, que o legionário não lhe ouviu sequer o ruído da asa.

A moça sacerdotisa gemia incessantemente. Amor, reconhecendo uma vestal, estreteceu; porém, indo a fugir, a ponta acerba de uma setta acorreu uma pontinha que dormia sobre um stelo.

Com o arrullho a criminosa voltou-se e, vendo a sua lancha o pequenino deus nu, armado, com o arco em uma das mãos e um dardo na outra, recuou até junto do altar.

Cupido olhou-a muito tempo e, encantado pela belleza, mais pronunciada pela triste feição do rosto, não se conteve e adiantou-se.

A vestal, tremula, juntou as mãos, e ia calhar de joelhos quando o amoroso deus travou de seu braço.

— Por que chora? conte-me a sua inagua.

— Sofro. . . Tenho medo da morte.

— Medo da morte? . . .
— Sim.

— E por que ha-de morrer?

— Estava a velar pelo fogo do templo quando a saudade do minha mãe distrahiu-me. Esqueci tudo por ella e, quando o meu espirito tornou da sua peregrinação pelo passado, vi com espanto e terror. . .

— Que se extinguiu o lume.

— Sim. . .
— E que tem isso?

— Oh! se eu ainda tivesse um pouco de sol. . .

— Mas. . . que idade tem?

— Dezesseis annos. . .
— Inguenidade. Pois com dezesseis annos ha mulher que precise do sol para accender uma tripode. Inguenidade! E Amor quebrou todas as suas flechas arranjou-as na tripode e, approximando-se da sacerdotisa, disse a sorrir:

— Não quero roubar o seu namorado. . . é possível que o tenha. Basta-me um do tua pupilla. um só para incendiar todo este templo; o delicadamente, cuidadosamente, apañhou um raio ardente do ardente olhar da moça, o decaixou-o calhar no feixe de settas. A chamma crepitou victoriosamente. O templo illuminou-se e Vesta, no seu nicho de pedra, estreteceu.

— Não ha sol mais forte! disse Amor mostrando a chamma. Adeus! guarde com mais cuidado esse lume, que é mais do cêo do que os raios do ouro do astro quente. Guarde-o com mais cuidado. que elle não arda em corações. Vesta! E nunca mais te embarces — não ha sol mais forte do que a luz dos olhos femininos.

E, dizendo estas palavras, desappareceu, deixando a Vestal attonita, extatica diante do seu olhar, que ardia allumando, como em uma apothecose, o templo grandioso da Vesta — a purissima.

Cochlo Netto.

Sub umbra

Com quanta magua eu via no horizonte
O sol perder-se envolto todo em brumas;
Num triste adeus de luz — ferindo um monte
E do mar — as espumas.

Com elleia perder-se a melodia,
Os hymnos festivos da claridade;
Lá viuha a trêva — a noite da orplandade —
Levava-nos o dia.

Já não ouvia, agora, em plena festa,
Cantar das aves e o sorrir das flores,
Soltaria o vento na florista
Qual palmo de flores.

Foi quando, então, lumtrei-me do passado,
Dos dias do ventura e d'illusão,
Lá quando o sol d'alergia, irradiado,
Nosabro o coração.

Quando um olhar celeste nos enléva
Esfoga-nos de amor na doce fonte,
Para deitar-nos logo em plena trêva,
Como o sol no horizonte.

Montevideo, 89,
Geraldino Sileira.

Scherzo

— Vamos, meu caro amigo, vamos. O caminho a seguir é este mesmo. Vai do subido um pouco mas não custa vencer; vamos. Emquanto sopra este bom

fresco aproveitemos. Nada do estações — o sol não tarda nada e d'aqui até a casa do cabreiro não ha arvore da sombra, nem abrigo possível. Vamos. Deixa a cornamusa, deixa a musica campestre — está a acordar saudades, cego. Vamos. Dá-me a tua mão. . . dá-me a tua mão.

E os dois, o cêgo e o guia, um cançado, o outro forte, um de cabelos brancos e outro de cabelos negros, formosa, viracô, foram do vagar, subindo a encosta, por entre as urzes e os murtaes cheirosos.

— Vai-se d'aqui, dizia o velho a gomer, vai-se d'aqui. . . se é que estamos a meio da subida.

— Estamos.

— Vai-se d'aqui em dois minutos a umas ruínas onde no meu tempo do moço dei xicar mil lagrimas amargas.

— Se padeses lavar-me-as taes ruínas. . . Nada me custa. Vamos.

— O caminho, ha vinte annos, era de licioso. Arvores. ainda ha arvores, Reynaldo?

— Ha — porém sem folhas. . .
— O tempo tosquiu-as. Arvores faziam uma sombra abobada. Moços vinham apascentar as ovelhas e apascentar os amores aqui neste amenissimo cuminho. Eu, muita vez, oh! muita vez, desviei para este lado os meus quatro borregos. Mas o meu ponto predilecto — o meu ponto de estima era mais longo — ao fim, perto das pedras, nas ruínas. Estamos a atravessar o caminho. não estamos?

— Sim. . .
— Ah! eu o conheço pelos moradores. Esta musica constante só aqui, só aqui. Os passaros não temem. parecim aves os primeiros tempos. Dão-se tão bem como os homens. Dentro em pouco outra musica ouviremos. Espera.

— Que sentes. . .
— Uma caricia no rosto. Ah! anda errante o labio de velludo da — que foi minha amada. Eu sabia Reynaldo, eu sabia que havia de encontral-a. Como é macio o labio e como frescala bem. Para. demora o beijo, demora, peregrino amor, meu doce affecto.

E o cêgo em extasi, agitou as mãos, sacudiu a cabeça sorrindo á vista da mocidade morta.

— Que fazes. . . Que fazes, cego!

— Oh! lubrifico minha alma com o aroma sensual de uma bocca que passa. Olha. ella roça agora pelos meus cabellos, pousa-me na fronte. assim. Beija! Beija. Ah! Reynaldo. Bem haja o teu coração que permitiu esta viagem ao passado. Aqui vivi no tempo delicioso em que tinha um amor estreteado. Morreu. morreu-me. e beija-me agora. reconheceu-me. alma da minha amada, sahii das flores e anda a beija-me, Beija! Beija!

— Mas é uma borboleta que te rodeia a cabeça, cêgo.

— Ah! é a sua bocca. então, pensas, Reynaldo que eu esqueci tão depressa o gosto da sua bocca. Não. Tu que tens vista vêes uma borboleta, eu que sou cêgo vejo a sua bocca. Vamos. Vamos. E as ruínas.

— Estamos perto.

— Apressa-te. apressemo-nos que eu ancio do desejo.

Vamos. rapido. rapido, Reynaldo. Ah! começo a distinguir as vozes dos solitários. Isto aqui é a Thebaida dos ruixinos — os que se affastam do mundo velho para este asylo e rezam em coro á primavera. Ouve — são hymnos. Ouve. presta attenção, Reynaldo. Ouvieste por acaso musica tão deliciosa? Nunca! Esta é a melodia dos ruixinos exilados.

— Por aqui. por aqui. Venha mais devagar.

— Sim. mais devagar. mas, meu Reynaldo, que suavisimo sussuro é este que me chega. Parece que alguém solta pelos canos. Vê, vê bem, meu filho, talvez que uma zagala namorada. Vê, procura.

— Não ha viv'alma.
— Este soluço então?

— É de um arrollo fino que rega esta parte da montanha.

— Como! um arrollo aqui?

— Sim.
— Mas. no meu tempo do moço não havia por estes lados agua corrente, filho.

— Pois o que soluça d'agua de um arrollo.

— Ah! I. Onde. da-me a beber d'esta agua. Quero provar.

— Não.
— Porque não?

— Dizem os pegureiros que a agua deste arrollo amarga a mata.
— Amarga. mata. Reynaldo, meu filho. Reynaldo. Vê, de onde vem o arrollo. onde nasce o fio d'agua. vê, meu Reynaldo — implorou a freimer o velho cêgo.

— Nasce nas pedras negras. perto das ruínas.

Não interrompamos o soluço d'agua. Vamos. Vamos.
E o cêgo, sorrindo, deu o braço a Reynaldo, o a descer, tremulo, voltava de vez em vez os olhos vãos para o lado das ruínas, balbuciando:

— Como as lagrimas cantam. oh! que doçura do musica! Como as lagrimas crescem. como as lagrimas cantam. Cantai! Cantai! Que eu pelo menos ouça a historia da minha tristeza cantada pelo fio perenne das minhas lagrimas. E como ellas cantam, Reynaldo. Oh que doce harmonia!

Tu bem sabes! . . .

(PÁRABO)

Hontem no baile a pronunciar-to a medo a confissão do meu amor tão puro, Mo disseste baixinho, qual segredo, Qu'eu tivesse confiança no futuro!

Quem pôde supportar o espinho duro D'uma espera sem fim — cruel degrado Em que atiras minh'alma que tão cedo Não dorará d'esperança o ralo puro!

O porvir para mim é vã chimera! . . .
Porque fazer pousar essa esperança Na duvida que a alma dilacera! . . .

Tu bem sabes que é sempre preferivel A uma duvida assim, cruel creanga, O rude golpe do certeza horrivel! . . .
E. F.

Salto — Maio — 1889.

Estarei ministro?

Comedia em um acto

PERSONAGENS

Luiz Maria. 40 annos
Belmira, sua mulher. 35
Adolphina, sua filha. 15
Um ordenança.

Sala regularmente mobilada. Ao fundo janelas do grade do ferro; á direita portas que dão para a rua; á esquerda uma porta que abre para o interior da casa.

Época — Actualidade

SCENA I

Luiz Maria (do chapéo na cabeça). Adolphina! Adolphina! (Indo a uma das janelas do fundo e olhando para a rua). Era capaz de jurar que tinha ouvido som de patas de cavallo.

SCENA II

O MESMO E ADOLPHINA

Adolphina (com os cabellos cheios de papilotes de diversas cores). O que é, papai? Ué! Ué! Você vai sair antes do almoço? Tão cedo e já todo preparado!

Luiz Maria. E preciso que eu esteja prompto, minha. Sabes, de uma hora para outra, pôde vir o chamado. Onde está o Antonio?

Adolphina. Lá em baixo na porta da rua.

Luiz Maria. E o Chico?

Adolphina. Na outra porta, segundo as ordens que o senhor deu.

Luiz Maria. Muito bem. A Felisberta.

Adolphina. Está na janella da esquerda.

Luiz Maria. E tu posta-te aqui a esta janella (indica-lhe a janella do centro). Assim que avistares o ordenança.

Adolphina. Faça o mesmo que o senhor já recomendou ao Antonio, ao Chico e á Felisberta.

Luiz Maria. Justo. Vem chamar-me immediatamente.

Adolphina. Mas, papai, eu não posso agora ficar á janella.

Luiz Maria. Por que?

Adolphina. Com estes papilotes na testa.

Luiz Maria. Ora que tolice! O que têm os papilotes?

Adolphina. Têm muita cousa. O sujeito ali de frente é muito critico — já foi dizer em casa da D. Maria da Nonôca que a minha cabeça parecia uma bandeja de balas.

Luiz Maria. Grande cousa! Vai para a janella, deixa-to de partes.

SCENA III

Luiz Maria, ADOLPHINA E BELMIRA
Luiz Maria (á Belmira). Nada?

Belmira. Perfeitamente. Ella disse que o senhor é muito intelligente, muito illustrado.

Adolphina. Que falla muito bem.

Luiz Maria. Por que? Ella ouviu isto do pai talvez, que não me pôde tragar do que fazia parte. Pois ficou sabendo, senhora, que eu ainda hei de ser ministro; não um ministro do cacaract, como elle foi um simples carregador do pasta, mas um conselheiro da corte digno do tal nome.

Belmira. O que é triste é que, por causa desta malita politica, fiquem em esquecimento todos os teus deveres do pai de familia.

Luiz Maria (indo á janella e voltando). Não ouviram sons do pasta do cavallo?

Belmira. Qual cavallo! A menina não tem vestidos. ha mais do um anno que ando a dizer-te — Luiz, é preciso olhar seriamente para o futuro do nhonho.

Luiz Maria. Sim, sim, olhar (indo á janella).

Belmira. Aposto que nem te lembras que ella foi fazer hoje exame de geographia! (So não fosse esta tua criada.)

Luiz Maria. Que fizesse?

Belmira. O que costumava fazer sempre. Escrevi uma carta ao general Antunes, que se dá muito com os examinadores.

Luiz Maria. E vai o nhonho sair aprovado, como das outras vezes, por empenho.

Belmira. Antes assim; porque, emquanto não me metti neste negocio, elle tomava sempre bombas.

Luiz Maria (a Adolphina que está á janella). Nada?

Adolphina. Ah! rem, ali vem.

Luiz Maria. O ordenança?

Adolphina. Não, papai; o caixeiro do Palais Royal com o chapéo, que mamã estava esperando.

Luiz Maria. Ora, menina, estou a tratar de cousas sérias.

SCENA IV

OS MESMOS E FELISBERTA

Felisberta (entrando a toda pressa). Ah! vem um soldado a cavallo.

Luiz Maria. E agora! E agora!

SCENA V

OS MESMOS E CHICO

Chico (entrando a correr). Está ali meu amo, está o ordenança.

Luiz Maria (mal podendo sustentar-se nas pernas). Já entrou?

Chico. Ainda não, mas dirige-se para cá.

Adolphina (sahindo da janella). Entrou, entrou.

SCENA VI

OS MESMOS E ANTONIO

Antonio (correndo). Parabéns, parabéns, meu amo. Viva o 13 de Maio! Viva o ministro (entrega-lhe uma carta).

Luiz Maria (caldando desfalecido em uma cadeira e dando a carta á Belmira). Lê. Eu não sinto com forças.

Belmira (lendo). Participo te, que o homem está.

Luiz Maria. Ministro! Da que pasta?

Belmira (lendo). que o homem está apascentado em geographia (fechando a carta). É o ordenança do general. Vou dar-lhe uma boa molladura.

Luiz Maria. Ora bolas! (Cahio o panno).

França Junior.

Contos ophidios

O PRINCEPE AZUL

— Mas, fallo, diga alguma cousa, fallo sempre. Prometteu distrahir-me.

E depois do lio exigir o cumprimento da palavra, com a sua voz branda, terna, modulada pelo rythmo de uma melodia de Schumann, ella reclinou-se no pregoiceiro e ficou-o com o seu olhar cheio de tentadoras promessas e de cruéis recusos.

— Que lho hei de dizer, senhora? Quando se ouve uma canção graciosa como as que ouvimos ha pouco no theatro que preferimos para passar parte da noite, fica-se mais propenso ás historias de escandalo do que a conversações sórias.

Do tudo fallámos, não nos resta o mais insignificante boato sem comentarios, e as banalidades que muitas vezes affectam a honra, mas que tanto seduzem a sociedade, já passaram pelo cadinho da nossa critica, soffrendo a fina apreciação do seu seductor espirito. Que lho hei de dizer, pois?

— Sei eu, por ventura. O que quiser, o que lho aprouver. A historia de uma futilidade rendilhada de boas phrases, de outrem embora pois apenas exijo de sua habilidade que bem as applique.

A historia de uma futilidade, diz; mas tudo é futil neste mundo. Nós é que pretendemos nos julgarmos autorizados a fazer classificações que acceltamos com a mesma facilidade que destruímos, porque são o resultado de convenções.

— Assim mesmo, assim mesmo. Faça considerações sobre a convenção social, mas com muitos paradoxos.

— Perdo-me, se não accito o convite. Fazer a prelecção que pedo seria accusar o papel de moralista, posição ridicula que a nossa época e os nossos costumes não permitem.

— Pale-me então de amor, conto-me galante historia em que Cupido faça cruéis sorpresas. O amor é uma futilidade seductora.

— Julga-o futil?

— Como todas as phantasias, o sabo que ninguem molhor do que Chaufort o definiu.

— Vou, pois, contar uma historia do amor.

Por sua vez procurou commoda posição na cadeira estofada e ficou o vulto do seu interlocutor a apparecer-lhe vibrante no fundo escuro que mo punha em relevo o corpo gentil, graciosamente envolvido no peignoir de cambraia branca.

E começou:

— Era uma feita um Principe Azul.

— Oh! Sr. democrata, Sr. republicano, que solapa a base das instituições, vai fazer propaganda contra a monarchia?

— Oh! não! o meu principe nada tem com a monarchia.

— Sou toda ouvida.

— Era uma feita um Principe Azul.

Não é que elle fosse principe, mas ficara-lho o nome que lho puzera a mulher que o amamentara. Certa noite, emquanto o balouçava no berço, contou-lhe a historia do Principe Azul, que a Fada protectora de tantos beneficiumulava; e foi elle, quando lho perguntavam depois que queria ser, qual a profissão que adoptaria, respondia com o seu balbuciar do criança de dois annos:

— Eu queria. eu queria ser o Principe Azul.

Viera-lhe da infantil historia o nome, pois assim ficara conhecido entre os intimos da familia. Mas era uma feita um Principe Azul, que a Fada protectora de tantos beneficiumulava; e foi elle, quando lho perguntavam depois que queria ser, qual a profissão que adoptaria, respondia com o seu balbuciar do criança de dois annos:

— Eu queria. eu queria ser o Principe Azul.

Viera-lhe da infantil historia o nome, pois assim ficara conhecido entre os intimos da familia. Mas era uma feita um Principe Azul, que a Fada protectora de tantos beneficiumulava; e foi elle, quando lho perguntavam depois que queria ser, qual a profissão que adoptaria, respondia com o seu balbuciar do criança de dois annos:

— Eu queria. eu queria ser o Principe Azul.

Viera-lhe da infantil historia o nome, pois assim ficara conhecido entre os intimos da familia. Mas era uma feita um Principe Azul, que a Fada protectora de tantos beneficiumulava; e foi elle, quando lho perguntavam depois que queria ser, qual a profissão que adoptaria, respondia com o seu balbuciar do criança de dois annos:

— Eu queria. eu queria ser o Principe Azul.

Viera-lhe da infantil historia o nome, pois assim ficara conhecido entre os intimos da familia. Mas era uma feita um Principe Azul, que a Fada protectora de tantos beneficiumulava; e foi elle, quando lho perguntavam depois que queria ser, qual a profissão que adoptaria, respondia com o seu balbuciar do criança de dois annos:

— Eu queria. eu queria ser o Principe Azul.

Viera-lhe da infantil historia o nome, pois assim ficara conhecido entre os intimos da familia. Mas era uma feita um Principe Azul, que a Fada protectora de tantos beneficiumulava; e foi elle, quando lho perguntavam depois que queria ser, qual a profissão que adoptaria, respondia com o seu balbuciar do criança de dois annos:

— Eu queria. eu queria ser o Principe Azul.

Viera-lhe da infantil historia o nome, pois assim ficara conhecido entre os intimos da familia. Mas era uma feita um Principe Azul, que a Fada protectora de tantos beneficiumulava; e foi elle, quando lho perguntavam depois que queria ser, qual a profissão que adoptaria, respondia com o seu balbuciar do criança de dois annos:

